



## Alfabetização e Ludicidade: Um Entrelaçamento para a Aprendizagem das Crianças no Processo de Alfabetização

*Andreia Cristina Pontarolo Lidoino<sup>1</sup>, Ismael Pereira dos Santos<sup>2</sup>, Fernanda da Silva Signor<sup>3</sup>, Kellen Patrícia Ferreira<sup>4</sup>, Lilian Nayara Braga<sup>5</sup> e Anderson Ortiz Alves<sup>6</sup>*

**Resumo:** Em busca por dialogar sobre como ocorre a alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental, apresenta-se por meio de revisão da literatura as contribuições da ludicidade no processo que envolve a alfabetização. Dessa forma, o título desse trabalho é: Alfabetização e ludicidade: um entrelaçamento para a aprendizagem das crianças no processo de alfabetização. Evidência a problemática: Quais as contribuições da ludicidade no processo de alfabetização das crianças que frequentam o 1º ano do Ensino Fundamental? Seu objetivo é investigar, por meio da literatura, a importância da ludicidade no processo que envolve a alfabetização do 1º ano Ensino Fundamental. A metodologia utilizada, pautou na revisão de literatura, sendo qualitativa com leituras sobre a temática discutida. Cabe ao professor alfabetizador, ser um investigador dessa junção entre alfabetizar com apoio da ludicidade. Com base nos autores citados nesse trabalho fica evidente o quanto essa relação é necessária nesse processo.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Ludicidade. Aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Professora da Educação Básica Rede Estadual de Mato Grosso. Graduada em Pedagogia pela União das faculdades de Alta Floresta (UNIFLOR), Pós-graduada em Educação Infantil e Alfabetização pela AJES e em Neuropsicopedagogia e Educação Inclusiva pela CENSUPEG, Mestra em Ensino pela UNIVATES. [andreiapontarolo@gmail.com](mailto:andreiapontarolo@gmail.com);

<sup>2</sup> Psicólogo. Especialista em Neuropsicologia - Pós Graduado em Políticas Sociais de enfrentamento ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. - Psicólogo do Centro de Especialidades Médicas de Alta Floresta/MT. [ismael\\_psicol@hotmail.com](mailto:ismael_psicol@hotmail.com);

<sup>3</sup> Graduada em Psicologia. Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental. Especialista em Assistência Interdisciplinar em Saúde Mental/Álcool e Outras Drogas. Especialista em Psicopedagogia. [fernanda\\_signor@hotmail.com](mailto:fernanda_signor@hotmail.com);

<sup>4</sup> Graduação em Psicologia pela Faculdade de Quatro Marcos. Pós Graduada em Psicologia Social, Organizacional e do Trabalho pela Assessoria em Ensino Superior, EDUCARE/MT. [kellen\\_psico@hotmail.com](mailto:kellen_psico@hotmail.com);

<sup>5</sup> Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de Cuiabá (UNIC). Mestre em Ciências da Saúde, na área de mutagenese e biologia molecular de doenças infecciosas, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Atualmente é aluna de doutorado no programa de pós graduação em Biodiversidade e Biotecnologia (PPG - Bionorte). [liliannayarabraga@gmail.com](mailto:liliannayarabraga@gmail.com);

<sup>6</sup> Graduação em Licenciatura Plena Em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Graduação em Matemática pela Universidade Paulista. Mestrado em Física Ambiental pela Universidade Federal de Mato Grosso. Servidor da Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia de Mato Grosso e professor contratado da Universidade do Estado de Mato Grosso. [andersonbio@hotmail.com](mailto:andersonbio@hotmail.com).

## Literacy and Play: An Integration for Children's Learning in the Literacy Process

**Abstract:** Seeking to talk about how literacy occurs in the 1st year of elementary school, the contributions of playfulness in the process involving literacy are presented through a literature review. Thus, the title of this work is: literacy and playfulness: an interweaving for children's learning in the literacy process. Evidence of the problem: What are the contributions of playfulness in the literacy process of children who attend the 1st year of Elementary School? Its objective is to investigate, through the literature, the importance of playfulness in the process involving literacy in the 1st year of Elementary School. The methodology used was based on the literature review, being qualitative with readings on the topic discussed. It is up to the literacy teacher to be an investigator of this junction between literacy with the support of playfulness. Based on the authors cited in this work, it is evident how much this relationship is necessary in this process.

**Keywords:** Literacy. Playfulness. Learning.

### Introdução

A alfabetização é um processo de suma importância na vida escolar de uma criança, algo esperado por ela e seus familiares. Dessa forma, é imprescindível tornar esse período um momento prazeroso e de descobertas. Para as crianças que encontram-se em processo de alfabetização, a aprendizagem da leitura e da escrita carece estar contextualizada e envolvida com a ludicidade.

Ao chegar no 1º ano do Ensino Fundamental, a criança traz conhecimentos prévios que contribuem no seu processo de alfabetização. A alfabetização está além da decifração do código da escrita, pois envolve a maturidade cognitiva e emocional. É necessário considerar e respeitar o tempo da criança para efetivar tal ação. Pondera-se que não é uma tarefa fácil. Nesse caso, o professor que se propõe a alfabetizar precisa ter o conhecimento e a arte de saber alfabetizar.

O letramento caminha lado a lado com o processo de alfabetização, o mesmo consiste em saber fazer uso das coisas que nos cercam, a real função de cada objeto, de cada palavra. Nesse caso, alfabetizar letrando requer por parte do educador, dedicação e conhecimento, o que propicia ao professor buscar métodos e estratégias de ensino que favoreça a aprendizagem das crianças.

A realização de um planejamento articulado e sequenciado que permita envolver todos os componentes curriculares, bem como atender às diferentes necessidades das crianças, se faz necessário. O 1º ano do Ensino Fundamental caracteriza-se pelo início de um período educacional para a criança, momento no qual ela finaliza uma etapa educacional, a Educação Infantil.

Ao iniciar o 1º ano do Ensino Fundamental as crianças passam por um processo que denomina-se de transição e necessita de atenção por parte de todos os envolvidos com a criança, visto que o rompimento brusco da saída da Educação Infantil para o Ensino Fundamental muitas vezes traz consequência no aprendizado e desenvolvimento da criança.

Buscando conhecer como ocorre a alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental, apresenta-se por meio de revisão da literatura as contribuições da ludicidade no processo que envolve a alfabetização. Dessa forma, o título desse trabalho é: Alfabetização e ludicidade: um entrelaçamento para a aprendizagem das crianças no processo de alfabetização. Para tanto, parte da seguinte problemática: Quais as contribuições da ludicidade no processo de alfabetização das crianças que frequentam o 1º ano do Ensino Fundamental? Seu objetivo é investigar, por meio da literatura, a importância da ludicidade no processo que envolve a alfabetização do 1º ano Ensino Fundamental. A metodologia utilizada, pautou na revisão de literatura, sendo qualitativa com leituras sobre a temática discutida no referido texto que é: Alfabetização e ludicidade a junção de ambos no processo de alfabetização.

### **1º Ano do Ensino Fundamental: Em Direção à Alfabetização**

A alfabetização constantemente é debatida por pesquisadores e teóricos, associando as pesquisas e aos programas de formação de professores de cunho federal e estadual, ambas, versam e buscam melhorar o processo de alfabetização. Compreende-se que a alfabetização é o processo de ler e escrever e decodificar símbolos. No entanto, associado a esse procedimento a compreensão sobre o uso dessa junção nas diversas esferas que englobam o cotidiano vivenciado. Conforme Cagliari (1988):

Na antiguidade, os alunos alfabetizavam-se aprendendo a ler algo já escrito e depois copiado. Começavam com palavras e depois passavam para textos famosos, que eram estudados exaustivamente. Finalmente, passavam a escrever seus próprios textos. O trabalho de leitura e cópia era o segredo da alfabetização. Note que essa atividade está diretamente ligada ao trabalho futuro que esses alunos irão desempenhar, escrevendo para a sociedade e a cultura da época. (CAGLIARI, 1998, p. 15)

Conforme pontua o autor a alfabetização pautava-se em processos mecânicos: o estudante memorizava as letras, posteriormente as sílabas fazia a junção das mesmas para formar as palavras. Várias sequências de escrita (cópias) das mesmas sílabas e palavras. Isso em exercício contínuo, pois se acreditava que a memorização ocorreria a partir da repetição e esse processo contribuiria para a aprendizagem da leitura e escrita. O que era ensinado fazia

ligação com os modos de vida da época, conforme o nível de educação ofertado. Afirma Cagliari (1998):

[...] as propostas de alfabetização que começaram a valorizar a criança e seu trabalho criaram um clima mais calmo e tranquilo em sala de aula, uma melhor interação entre professor e aluno, proporcionando condições mais saudáveis para que o processo de alfabetização se realizasse. (CAGLIARI, 1998, p. 32)

A alfabetização conforme o autor, ganhou novos espaços e contribuições a partir do momento que passou-se a considerar a criança e sua forma de aprender, para tal, as pesquisas nessa área têm colaborado significativamente com a forma de alfabetizar na atualidade. Em constante produções e escritos que envolve a temática alfabetização, tem oportunizado ao alfabetizador aprofundar seu conhecimento no desenvolvimento infantil e em como a criança aprende.

Alfabetizar-se envolve conhecimentos prévios que necessitam ser estabelecidos, entre eles a noção de espaço, temporalidade, coordenação motora e lateralidade. Esses são alguns requisitos básicos a serem considerados. Conhecer o estudante proporciona ao professor, elaborar estratégias de superação das dificuldades apresentadas pedagogicamente pelo mesmo. Salienta Cagliari (1998):

[..] toda criança que entra na escola já acumulou informações em sua mente. Esse acúmulo de informações é o referencial de que serve para proceder a novas informações e construir assim, novos conhecimentos. Nada é totalmente estranho para uma criança: sempre há algo de conhecido. (CAGLIARI, 1998, p.244)

Todo conhecimento de vida que as crianças trazem ao chegarem no 1º ano do Ensino Fundamental, tem um papel fundante no processo de alfabetização. As práticas de leituras sociais, denominadas letramento, favorecem as crianças a inserção social. Além disso, o letramento envolve a interpretação de mundo, o saber posicionar-se nesse universo no qual estamos imersos, onde a cada dia as mudanças sociais, políticas, tecnológicas e científicas acontecem em grande velocidade.

No período de alfabetização a junção do letramento com a alfabetização contribui para que as crianças compreendam a importância de alfabetizar-se, elas passam a ter a dimensão desse universo que envolve a leitura e a escrita. As múltiplas experiências culturais que encontrará no ambiente escolar e as vivências com o mundo da escrita, proporcionam ao professor realizar o trabalho entrelaçando alfabetização e letramento. De acordo com Silva (2011):

Sabemos que o desenvolvimento da consciência fonológica é indispensável para o aprendizado da leitura e da escrita, uma vez que o reconhecimento dos fonemas (menor elemento linguístico destituído de significado) é fundamental para a atividade de discriminação na relação entre o nome das letras, a grafia e o som da letra. As crianças aprendem que as letras, enquanto símbolos gráficos, correspondem a segmentos sonoros e, assim, devem entender que aqueles sons associados às letras são precisamente os mesmos sons da fala enquanto símbolos (SILVA, 2011, p. 125)

Para a autora, o processo de alfabetização ocorre quando a criança consegue discriminar os sons de cada letra, associando o som à grafia. Essa ação não é tão simples de ser realizada, e cada criança passa por etapas diferentes nessa aquisição. A oralidade, tanto do professor quanto das crianças, auxilia nesse processo. A partir do momento em que elas percebem que a fala e a escrita são uma só, elas avançam no aprendizado.

Dessa forma, o professor alfabetizador que faz uso da oralização nas suas práticas ao alfabetizar, oportuniza aos estudantes relacionar os sons das letras ouvidas a escrita. Essa ação facilita a compreensão e a percepção da relação entre o som e a escrita. Exemplo: a palavra BATATA, OBRIGADO ou SABER, possui a letra “B”, em posições diferentes, mas que ao ouvir o som da letra “b”, mesmo sendo apresentada no início, meio e fim a criança saberá que a letra “B” encontra-se nas palavras. Isso ocorre, porque ela decodifica o som da letra e relaciona a sua escrita. De acordo com Soares (2004):

A autonomização do processo de alfabetização, em relação ao processo de letramento, para a qual se está tendendo atualmente, pode ser interpretada como a curvatura da vara ou o movimento do pêndulo para o “outro” lado. O “lado” contra o qual essa tendência se levanta, aquele que, de certa forma, dominou o ensino da língua escrita não só no Brasil, mas também em vários outros países, nas últimas décadas, baseia-se numa concepção holística da aprendizagem da língua escrita, de que decorre o princípio de que aprender a ler e a escrever é aprender a construir sentido para e por meio de textos escritos, usando experiências e conhecimentos prévios; no quadro dessa concepção, o sistema grafofônico (as relações fonema-grafema) não é objeto de ensino direto e explícito, pois sua aprendizagem decorreria de forma natural da interação com a língua escrita. (SOARES, 2004, p. 12)

A crítica apontada pela autora refere-se a momentos distintos da alfabetização. A literatura aponta como ela ocorria três décadas atrás. A preocupação excessiva em dominar o código fazia com que os professores repetissem as famílias silábicas constantemente, e cópias eram feitas pelas crianças para que elas memorizassem. Os textos muitas vezes não faziam parte do contexto da época. A autora buscou, por meio de pesquisas, colocar em discussão a referida forma de alfabetizar da época, buscando romper nesse período com o processo mecanicista de alfabetizar.

Na visão de Soares (2004), houve uma série de erros em busca dos acertos, todos em busca da aprendizagem: um ensino que priorizava a decifração do código, e outro que dava

ênfase ao ensino por meio de textos sem a silabação. Ambos se confrontaram. A compreensão de que a junção de ambos é pertinente no processo de alfabetizar demorou a ocorrer. Conforme Soares (2004):

É preciso, a esta altura, deixar claro que defender a especificidade do processo de alfabetização não significa dissociá-lo do processo de letramento, como se defenderá adiante. Entretanto, o que lamentavelmente parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção que se começa a ter, de que, se as crianças estão sendo, de certa forma, letradas na escola, não estão sendo alfabetizadas, parece estar conduzindo à solução de um retorno à alfabetização como processo autônomo, independente do letramento e anterior a ele. (SOARES, 2004, p. 11)

A autora faz apontamentos pertinentes a serem considerados, as crianças chegam a escola com um nível de letramento conceituado, partindo dessa constatação os professores carecem intensificar o processo de alfabetização. Conforme Soares (2004), a escola não dá a ênfase necessário nessa ação e intensifica ainda mais o letramento sem conciliar de forma a caminhar juntos ambos letramento e alfabetização.

Com a obra *Psicogênese da Língua Escrita*, das autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky, a alfabetização ganha contornos diferentes. Suas ideias chegam ao Brasil ao final da década de oitenta e adentram a de noventa, permanecendo até os dias atuais como uma grande descoberta para a alfabetização.

Ferreiro foi discípula dos ensinamentos de Jean Piaget, outro grande nome da educação por abordar as fases do desenvolvimento biológico; ambos foram disseminadores da teoria de aprendizagem construtivista. Destacam a importância desta no processo de alfabetização e expõem como alfabetizar por meio da referida teoria. Segundo Ferreiro (2004):

O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam. Este é o significado profundo da noção de assimilação que Piaget colocou no âmago de sua teoria (FERREIRO, 2004, p.22)

Em sua obra acima citada, as autoras evidenciam que as crianças se alfabetizam por meio de níveis de escritas, e o que antes se consideravam “erros”, são níveis que as crianças perpassam antes de serem alfabetizadas. O construtivismo veio mostrar como se dá essa forma de aprendizagem, porém é importante salientar que ele não é um método: apresenta como se dá o processo de aprendizagem e qual a melhor forma de alfabetizar uma criança. Conforme Brasil, MEC (2012):

No decorrer do processo de alfabetização é imprescindível que as crianças entrem em contato, manipulem, utilizem e criem diferentes textos, que circulem em sua comunidade de maneira não simulada e que tenham sentido para elas. É importante que compreendam os objetivos dos diferentes gêneros textuais e suas características particulares. Ao realizar atividades que envolvam a reflexão sobre estes aspectos, possibilitamos que as crianças elevem seu nível de letramento e possam fazer o uso efetivo da língua escrita em diferentes contextos sociais. (BRASIL, MEC, 2012, p. 21)

Além das contribuições no que tange aos níveis de escrita, a teoria enfatiza que as crianças possuem papel ativo na sua aprendizagem, são elas as protagonistas no processo de busca pelo conhecimento. Outro fator determinante, de acordo com as autoras, é o ambiente como propulsor para a aprendizagem. Ele precisa ser acolhedor, receptivo e preparado para alfabetizar. Isso não significa poluir, mas ofertar diferentes gêneros e permitir o contato da criança com o universo da escrita de forma prazerosa e lúdica.

Partindo da concepção de Ferreiro e Teberosky (1999), faz-se necessário o professor alfabetizador ter conhecimento de como acontece o processo de alfabetização, para que ele possa planejar voltado para o alfabetizar letrando, considerando o processo que antecede o Sistema de Escrita Alfabético (SEA). As autoras enfatizam que, antes de chegar ao nível alfabético, as crianças passam por níveis de escrita que antecedem a alfabetização. São os níveis pré-silábico, silábico com ou sem valor sonoro, silábico-alfabético e alfabético.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999 apud Andaló, 2000, p.30), o nível de escrita **pré-silábico** caracteriza-se pelo desenho e escrita com agrupamento aleatório de letras (mínimo de quatro caracteres) para escrever as palavras; neste nível, as crianças conhecem as letras do alfabeto e começam a juntar quaisquer letras para “escrever” uma palavra segundo a exigência de um mínimo de caracteres (três ou quatro). A criança, na fase pré-silábica, ao grafar a palavra, não associa o som da mesma com a grafia, ou seja, coloca letras que podem não ter nenhuma relação com o que a palavra exige. A criança, nessa fase, associa a escrita ao tamanho do objeto, por exemplo, ela utiliza várias letras para grafar a palavra TREM. Usando no máximo quatro caracteres. Já ao grafar a palavra FORMIGA ela utiliza menos letras, uma vez que a FORMIGA é pequena. No silábico com valor sonoro, ela evolui um pouquinho e já consegue acrescentar algumas letras que correspondem ao som da palavra em questão.

No **nível silábico**, a criança ainda não grafia as sílabas utilizando as vogais e consoantes. Contudo, assimila som e grafia e representa a palavra utilizando ora uma vogal para uma sílaba falada, ora uma consoante. Nesse nível, a criança conhece o alfabeto, só não percebe ainda no som da palavra a presença da vogal e da consoante juntas. Por exemplo, ao escrever FORMIGA, ela usa as vogais O I A, três letras que correspondem as sílabas orais pronunciadas,

três representações gráficas. Entretanto, a criança nesse nível poderá fazer a mistura entre vogais e consoantes. Ao escrever CAVALO, ela poderá grafar Kao, ou kvl. A criança grafou apenas uma consoante, ou uma vogal para cada sílaba.

De acordo com as autoras, tanto na fase pré-silábica quanto na silábica, a criança escreve com a letra bastão, ela não domina a letra cursiva, e nesses dois níveis é aconselhável permanecer somente com a letra bastão, a qual se encontra presente no seu cotidiano e se torna menos difícil para ela escrever. A criança visualiza melhor a forma da letra bastão, pois a vê a todo momento em cartazes, panfletos, avisos, outdoors, placas, livros, revistas e jornais, entre outros.

O próximo nível abordado é o **silábico alfabético**, o terceiro em ordem crescente pelo qual a criança vivenciará antes de ser alfabetizada. Na caracterização feita por Ferreiro e Teberosky (1999 apud Andaló, 2000, p.32), o silábico alfabético significa progresso, porque a criança começa a perceber que sobram ou faltam letras nas palavras que escreve. Ocorre um salto nesse nível: ao escreverem, começam a fixar as consoantes e as vogais, as quais aparecem em determinadas posições, deixando em alguma parte da composição da palavra faltar uma ou outra letra. Por exemplo, ao escrever SAPO, a criança grafou SPO e, ao escrever CAMELO, ela colocou CAMLO. Nas duas palavras, somente uma vogal ficou sem ser grafada.

Portanto, é no **nível alfabético** que a criança se encontra alfabetizada, mas ainda não domina a ortografia e pode escrever deixando de grafar uma ou outra letra, porém consegue expressar suas ideias por escrito na produção de frases e textos. Ocorre muitas vezes nesse nível a fala tal como é oralizada será transferida para a escrita, ou seja, escreve de acordo com sua fala.

Aos poucos, a criança vai construindo sua escrita, amadurecendo cognitivamente e aprofundando seu conhecimento no que se refere à leitura, à escrita e à interpretação. Ela irá escrever ortograficamente a partir do momento em que for praticando mais esse exercício e realizando leituras de diversos gêneros textuais. Afirma Brasil, MEC (2015):

As crianças nos revelam, por meio do diálogo, suas formas de aprender, suas dificuldades, tensões e expectativas em relação à aprendizagem da linguagem escrita, quando suas vozes integram o trabalho educativo. Dessa forma, para que nossas propostas de “ensino aprendizagem” façam sentido para as crianças, elas necessitam ser pensadas e organizadas em função do que as crianças sabem, desejam e necessitam aprender. Por isso, repensar as formas de organização do trabalho pedagógico torna-se importante na alfabetização e requer pensar a sala de aula, a escola, como espaços dialógicos (BRASIL, MEC, 2015, p.12)

As práticas de leituras devem ser palco principal do processo de alfabetização, uma vez que é por meio delas que as crianças passam a conhecer a amplitude do mundo. Ao conhecer as crianças e seus níveis de aprendizagem, o professor possui suporte para elaborar seu planejamento buscando atender às suas necessidades pedagógicas, com atividades que se relacionam com a ludicidade, essa forma de trabalhar no 1º ano do Ensino Fundamental trazendo a ludicidade, auxilia a tornar o processo de alfabetização algo prazeroso, pois as brincadeiras exploram o imaginário e a criatividade.

Alfabetizar exige, do professor, preparação e conhecimento em como ocorre o processo de aprendizagem da leitura e escrita. Além disso, estar em constante busca por aprimorar seu conhecimento, tanto dos novos escritos e pesquisas nessa área, como nas evoluções científicas e tecnológicas no qual as crianças estão imersas diariamente.

### **Avaliação e suas Contribuições no Processo da Alfabetização dos Estudantes**

O professor que atua no 1º ano do Ensino Fundamental, constantemente necessita ter conhecimento do nível de aprendizagem que encontram as crianças esse conhecimento faz com o professor busque estratégias pedagógicas e práticas de ensino que possam auxiliar as crianças a minimizar suas dificuldades de aprendizagem.

Para que o professor possa ter conhecimento sobre os níveis de alfabetização e letramento dos alunos ele precisa estar constantemente avaliando sua ação e as de seus estudantes. Como afirma Libâneo (1994):

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias (LIBÂNEO, 1994, p. 195)

Para tanto, a avaliação inicial a ser feita com as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental é imprescindível e deve acontecer também no decorrer do ano letivo. A avaliação durante o processo de alfabetização permite ao professor ter a dimensão do desenvolvimento pedagógico dos estudantes, mas, para tal, considerar-se-á o desenvolvimento motor, cognitivo e emocional, os quais se articulam no processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

É importante compreender os níveis de escrita em que as crianças se encontram, para auxiliá-los na evolução de um nível de escrita para o outro. Sendo assim, ressalta-se a

importância da avaliação estar articulada com as práticas pedagógicas do professor. (LIBÂNEO, 1994, p. 194): “A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuição de notas”. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa e não para excluir ou classificar.

## **Ludicidade e a Alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental**

Ao chegar ao Ensino Fundamental, a criança inicia uma nova etapa educacional, terminou a Educação Infantil e adentra a um novo universo, o Ensino Fundamental. São mudanças que precisa ser consideradas com atenção, pois são novas aprendizagens, vivências e misto de sentimentos que somará na vida acadêmica dos estudantes. Conforme a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017):

A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa (BRASIL, 2017, p.53)

A criança almeja passar por essa transição e a aguarda ansiosa. O composto de sentimentos envolvidos é intenso, pois para ela será uma nova etapa. A transição deve ocorrer de tal forma que a criança perceba, no 1º ano do Ensino Fundamental, a continuidade das ações vividas na Educação Infantil.

Em função da intensidade de toda essa transição, é preciso considerar nessa mudança características da etapa que está sendo terminada na etapa a ser iniciada, e uma delas é a ludicidade. É preciso lembrar que a criança em questão tem de cinco a seis anos de idade, ainda é pequena, e a ludicidade faz parte do seu universo.

Pontua ainda, que as práticas educacionais a serem trabalhadas precisam ser promotoras da investigação, criatividade, autoestima e do protagonismo das crianças. Sem deixar de lado a magia, o faz de conta e a ludicidade. De acordo com os RCNEI (1998):

O brincar apresenta-se por meio de várias categorias de experiências que são diferenciadas pelo uso do material ou dos recursos predominantemente implicados. Essas categorias incluem: o movimento e as mudanças da percepção resultantes essencialmente da mobilidade física das crianças; a relação com os objetos e suas propriedades físicas, assim como a combinação e associação entre eles; a linguagem oral e gestual que oferecem vários níveis de organização a serem utilizados para brincar; os conteúdos sociais, como papéis, situações, valores e atitudes que se referem à forma como o universo social se constrói; e, finalmente, os limites definidos

pelas regras, constituindo-se em um recurso fundamental para brincar (BRASIL, 1998, p. 29)

As formas de brincar são as mais variadas, todas com significados diferentes para as crianças, e envolvem os desenvolvimentos motor, cognitivo e emocional. O brincar é uma linguagem corporal que faz parte do cotidiano infantil. É natural das crianças a brincadeira, e a mesma carece ser oportunizada também no Ensino Fundamental.

A relação que criança estabelece entre o real com o mundo imaginário é algo a ser considerado e trago como aliado no processo de alfabetização. Permeiar esse universo espontâneo vivido na infância é ter a oportunidade de adentrar na sua essência e dialogar com os pequenos. O mundo da imaginação se funde com o real e essa articulação em sala de aula, permite que a criança se alfabetize de forma prazerosa. No entendimento de Silva (2011):

[...] acredito que, se o brincar alcançasse um maior espaço no cotidiano escolar ou se as práticas pedagógicas realizadas nesse cotidiano se apoiassem no brincar no brincar livremente, não seria necessária a preocupação exaustiva, muitas vezes percebida nos discursos dos professores, em relação ao desenvolvimento da área cognitiva. O brincar seria pano de fundo desse cotidiano, e isso seria suficiente e satisfatório para o desenvolvimento de qualquer atividade. No entanto, não basta “dar” as crianças o direito de brincar. Para ser uma atividade, é preciso despertar e manter seu desejo pelo brincar. (SILVA, 2011, p. 73)

A autora aborda a importância do brincar no espaço escolar, bem como a necessidade de a ele conectar as atividades pedagógicas. Ensinar fazendo uso de recursos lúdicos é uma metodologia que contribuirá com o trabalho pedagógico do professor em sala de aula. Ao começar a frequentar o 1º ano do Ensino Fundamental, as crianças deparar-se-ão com mudanças na rotina do cotidiano escolar.

Por mais que considere parte da organização metodológica da Educação Infantil, como: Fazer o uso constante da ludicidade, ainda assim elas irão se deparar com mudanças.

Essas mudanças consistem em inserção de componentes curriculares, o aprofundamento na aprendizagem da leitura e da escrita. Portanto, integrar na rotina das crianças que frequentam o 1º ano do Ensino Fundamental as brincadeiras diárias, que podem ser livres ou direcionadas é uma forma de suavizar o processo de transição entre as etapas. Para Brasil, MEC (2015):

[...] garantir a todas as crianças o direito de brincar auxilia o trabalho pedagógico. Sendo assim, existe outro personagem que não pode ficar fora desse contexto: o professor. Para tanto, buscamos também compreender a importância da formação lúdica na formação do professor. Exigir dele práticas lúdicas nos instiga a reconhecer seus saberes. (BRASIL, MEC, p. 25, 2015)

Sendo assim, o processo de alfabetização das crianças nesse ano em questão parte da premissa de ser efetivado com prazer. A criança carece sentir que vivenciar esse universo é algo bom e prazeroso. A organização desse período escolar das crianças, quando compreendida pelo professor, auxilia tanto o mesmo quanto a criança.

Conhecer bem e considerar as necessidades pedagógicas de cada criança e todo o conhecimento já alcançado faz com que a alfabetização no 1º ano se torne especial. Na visão de Farias e Speller (2008):

Por meio do brincar, principalmente na escola, a criança descobre que é capaz de fazer as coisas, de pensar e, com isso, realizar seu potencial, descobrir o mundo e estruturar-se. A criança descobre que o mundo (planeta) é algo interessante e que deve ser explorado, investigado, porque foi também transformado em algo pessoal. Uma criança não brinca da mesma forma que outra; a brincadeira de bonecas é diferente para cada criança, assim como cada criança tem um jeito diferente de chutar a bola. (FARIAS e SPELLER, 2008, p. 71)

Na perspectiva das autoras, as contribuições do brincar na escola evidenciam a importância de os professores adotarem essa prática em suas aulas. A criança do 1º ano do Ensino Fundamental é pequena. Desse modo, ela tem dificuldades em ficar sentada por duas horas-aula a cada período, com somente quinze minutos de intervalo, presa a uma cadeira e aos cadernos e livros sem vivenciar momentos em que possa descontraí-la seja levantando para dançar ou cantar uma música, realizar uma brincadeira na sala, ou no pátio.

É preciso lembrar que ela vivenciava esses momentos na Educação Infantil. O rompimento brusco, ou seja, não trazer para dentro da sala de aula de alfabetização, brincadeiras, jogos e momentos de faz de conta, torna para ela um pesadelo e traz uma responsabilidade intensa no ano em questão “Alfabetização”. Farias e Speller (2008) salientam:

O brincar seria a forma mais natural de ensinar: é a linguagem da infância. Colocar uma criança em uma cadeira sentada e imóvel, por duas ou três horas, não surte o efeito que muitos professores esperam, pois elas não conseguem se concentrar no conteúdo ministrado e, na maioria das vezes, não aguentam e ficam inquietas, angustiadas e agitadas (FARIAS e SPELLER, 2008, p. 72)

Brincar é algo das crianças e, ao ser trazido para dentro da escola, no universo da sala de aula, as contribuições são muitas. Entre elas temos o entusiasmo da criança pela escola, o aprendizado que acaba sendo algo natural, pois está relacionado ao que lhe dá prazer, bem como o desenvolvimento cognitivo por meio do imaginário. Além de tudo isso, permite que a criança extravase a sua energia por meio do movimento.

Diante dos escritos e pesquisas e constatações nessa área que envolve a ludicidade e a alfabetização, ficam evidentes os aportes da ludicidade no 1º ano da alfabetização. Dessa forma, destaca o quanto a ludicidade faz parte do universo infantil. Como pontuam Farias e Speller (2008):

O resgate das brincadeiras tradicionais infantis possibilita a reconstrução da identidade individual e coletiva. Assim como as coisas que já estão muito prontas, brinquedos muito sofisticados e industrializados não são tão instigadores da criação (FARIAS e SPELLER, 2008, p. 30)

As brincadeiras, brinquedos e jogos tradicionais são excelentes no auxílio a desenvolver habilidades nas crianças durante o período de alfabetização bem como noção de espaço. Dessa forma, entrelaçar a ludicidade com a aprendizagem da leitura e da escrita, faz com que o processo da alfabetização seja algo leve.

Podemos dizer que quando o professor oferece aos estudantes atividades como formar palavras com alfabeto móvel, ou montar textos fatiados, formar frases com dominó, fazer uso de materiais concretos para adicionar, subtrair, dividir ou multiplicar, está ele oportunizando o entrelaçamento da ludicidade com a alfabetização. Nesse sentido, cabe destacar que de acordo com Faria e Speller (2008):

[...] o brincar está dentro dessa grande gama de desafios da Educação. O brincar nasce da fusão do subjetivo com o objetivamente percebido. O brincar é um fazer que transforma o mundo em algo novo. Por meio do brincar, a criança lida criativamente com a realidade que lhe é externa podendo, com isso, surpreender a si mesma com suas invenções (FARIAS e SPELLER, 2008, p. 21)

As autoras destacam o quanto as escolas ainda se prendem ao universo da sala fechada, com crianças sentadas, sem momentos diários de ludicidade. Mesmo diante das evidências referentes à ludicidade no Ensino Fundamental, a cultura herdada de anos anteriores do processo educacional ainda permanece. O quebrar de barreiras e paradigmas faz-se necessário, tendo em vista as contribuições da ludicidade nessa etapa de ensino.

A ludicidade na educação em específico no 1º ano do Ensino Fundamental – não objetiva passar tempo, nem deve ser vista como perda de tempo. Ao contrário, estimula a criatividade das crianças, bem como as ajudam a conviver com seus pares, pois ocorre a interação e a socialização entre eles. As crianças aprendem a viver coletivamente, a respeitar regras e limites e torna a alfabetização um momento único de ser vivenciado. Como pontua Dias (2013):

Através do brincar a criança inventa, descobre, experimenta, adquire habilidades, desenvolve a criatividade, autoconfiança, autonomia, expande o desenvolvimento da linguagem, pensamento e atenção. Por meio de sua dinamicidade, o lúdico proporciona além de situações prazerosas, o surgimento de comportamentos e assimilação de regras sociais. Ajuda a desenvolver seu intelecto, tornando claras suas emoções, angústias, ansiedades, reconhecendo suas dificuldades, proporcionando assim soluções e promovendo um enriquecimento na vida interior da criança. (DIAS, 2013, p.15)

É nessa relação estabelecida entre o imaginário e o real que ela consolida habilidades a serem firmadas na sua fase adulta. Essas vivências auxiliará na sua personalidade, e na sua forma de lidar com sentimentos e situações problemas na fase adulta. Propiciar momentos de ludicidade para as crianças com clareza do objetivo a ser alcançado faz parte da função docente e do trabalho do educador enquanto professor alfabetizador. Dallabona e Mendes expõe em seus escritos (2004):

Entende-se que educar ludicamente não é jogar lições empacotadas para o educando consumir passivamente. Educar é um ato consciente e planejado, é tornar o indivíduo consciente, engajado e feliz no mundo. É seduzir os seres humanos para o prazer de conhecer. É resgatar o verdadeiro sentido da palavra “escola”, local de alegria, prazer intelectual, satisfação e desenvolvimento. (DALLABONA E MENDES, 2004, p.110)

Para os autores acima citado, o brincar é espontâneo e engessar esses momentos, ter-se-á o objetivo almejado não alcançado. Mediar esses momentos e ofertar situações que possa trazer vivências que envolva a ludicidade é tarefa do adulto mediador. Nesse caso descrito o professor alfabetizador. A criança necessita criar, imaginar e ter momentos para isso individual e coletivamente.

A escola está além de mesas e carteiras enfileiradas e de listas com exercícios. Ela é espaço pulsante que fomenta debates, discussões e promove a interação e vivências coletivas, sendo essas mescladas com o mundo imaginário e lúdico no qual a criança encontra-se imersa.

Sendo assim, cabe ao professor alfabetizador, ser um investigador dessa junção entre alfabetizar com apoio da ludicidade. Com base nos autores citados nesse trabalho fica evidente o quanto essa relação é benéfica e necessária no espaço escolar.

## **Considerações finais**

As mudanças são frequentes no campo educacional e durante o processo de alfabetização com grande intensidade. Dessa forma, a alfabetização abordada neste texto dá ênfase às crianças que frequentam o 1º ano do Ensino Fundamental, destacando a importância da alfabetização ser articulada com a ludicidade.

Conforme as leituras realizadas para escrever esse texto, pontua o quanto é importante entrelaçar a alfabetização com a ludicidade. Ambos, proporcionam aos estudantes a alfabetização em uma ação gostosa de vivenciar. Evidenciou ao longo do escrito, que alfabetizar envolve comprometimento e conhecimento aprofundado do professor ao efetivar a referida ação.

Ao articular-se a alfabetização com a ludicidade proporciona as crianças mais motivação, pois a ludicidade faz parte do cotidiano dos mesmos, ao ser entrelaçada com a alfabetização que para a criança é uma experiência nova, a mesma torna-se menos impactante.

No processo de alfabetização, são evidentes as contribuições da ludicidade, do faz de conta. Ela permeia o universo infantil e, ao ser associado à prática metodológica de ensino do professor, evidência o quanto contribui para que esse momento se torne significativo para os estudantes. Enfatiza-se, ainda, a importância de o professor estar constantemente avaliando seus estudantes e sua prática, para verificar a aprendizagem dos mesmos.

Destaca-se os subsídios da alfabetização e do letramento articulado com a ludicidade, considerando a transição entre as etapas da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Dessa forma, ressalta-se que a ludicidade carece ser vista como algo que vem contribuir de forma positiva no processo da alfabetização e que fazer uso da mesma de forma articulada com as atividades propostas no currículo agrega significativamente na aprendizagem dos estudantes que frequentam o 1º do Ensino Fundamental. O processo de alfabetização apoiado na ludicidade permite tanto a criança quanto ao professor, um ensino e uma aprendizagem mais expressiva.

## Referências

ANDALÓ, A. **Didática da língua portuguesa para o ensino fundamental: alfabetização, letramento, produção de texto em busca da palavra mundo**. São Paulo, SP: FTD, 2000.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Currículo no ciclo de alfabetização: perspectivas para uma educação do campo**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A organização do trabalho escolar e os recursos didáticos na alfabetização.** Brasília, DF: MEC/SEB, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A Criança no ciclo de alfabetização.** Brasília, DF: MEC/SEB, 2015.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu: Pensamento e Ação no Magistério.** São Paulo, SP: Scipione, 1998.

DALLABONA, S. R.; MENDES, S. M. S. **O lúdico na Educação Infantil: jogar, brincar, uma forma de educar.** Revista de divulgação técnico-científica do ICPG. Vol. 1 n. 4 - jan. Mar./2004. Disponível em: Acesso em 03/06/2021.

DIAS, E. **A importância do lúdico no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil.** Revista Educação e Linguagem – Artigos – ISSN 1984 – 3437. Vol. 7, n ° 1 (2013). Disponível em: Acesso em 03/06/2021

FARIAS, G. A; SPELLER, R. A. M. **O brincar na psicanálise e na educação.** Cuiabá: EdUFMT, 2008.

FERREIRO, E. **Alfabetização em Processo.** 15. ed. Tradução Sara Cunha Lima. São Paulo: Cortez, 2004.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **A Psicogênese da língua escrita.** Trad. D. M. Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artmed, 1999, 304 p.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo, SP: 2ª ed. Cortez, 1994.

SILVA, S.J. **O planejamento no enfoque emergente: uma experiência no 1º ano do ensino fundamental de nove anos.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Programa de pós-graduação. Porto Alegre RS, 2001.



#### **Como citar este Artigo (ABNT):**

LIDOINO, Andreia Cristina Pontarolo; SANTOS, Ismael Pereira dos; SIGNOR, Fernanda Silva; FERREIRA, Kellen Patrícia; BRAGA, Lilian Nayara; ALVES, Braga e Anderson Ortiz. Alfabetização e Ludicidade: Um Entrelaçamento para a Aprendizagem das Crianças no Processo de Alfabetização. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Julho/2021, vol.15, n.56, p. 121-136. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 04/06/2021;

Aceito: 10/07/2021.